

A FOME NA OBRA DE JOSUÉ DE CASTRO – CONSCIÊNCIA E CIÊNCIA DE UMA TRAGÉDIA*

Eliab Barbosa Gomes

*Prof. do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia
Coordenador do Comitê da Ação Cidadania da UEFS
Mestre em Sociologia*

I – A CONSCIÊNCIA DA FOME

É lastimável que a memória do brasileiro se volte para as futilidades. Todos, crianças, jovens, adultos e velhos, já ouviram falar em Pelé, Garrincha e Jairzinho. Os meios de comunicação estão aí para exaltar os seus feitos. Mas quem se lembra de algum escritor ou cientista brasileiro? Muitos se destacaram em outros países por suas obras, mas são anônimos aqui dentro. Deles não se fala nem se escreve. Estão condenados ao esquecimento.

Hoje, tentamos romper a barreira do silêncio imposta aos nossos intelectuais e rememoramos a obra de Josué de Castro. Fazemo-lo no intuito de contribuir para o debate sobre um dos grandes problemas que nos aflige, a fome. Aliás é inconcebível que, ao se instalar comitês dedicados à luta contra a fome no país, não haja menção ao nome de Josué de Castro.

Oferecemos à comunidade acadêmica, um breve roteiro de suas principais obras, deixando que Josué de Castro fale sobre as mesmas. Não se trata de análise crítica, mas de um simples inventário sobre a fecunda obra deste escritor nordestino, que teve seus últimos anos marcados pela nostalgia. Longe do país, por força do golpe de 64, confessa aos amigos antes de morrer – “não se morre só de enfarte ou de glomero-nefrite crônica... Morre-se também de saudade”. Em 23 de setembro de 1973, deixa de ter saudades para deixar saudades, morre aos 65 anos.

Se vivo e perguntado pelo dia e cidade do seu nascimento, Josué de Castro por certo se expressaria desta forma:

Nasci a 05 de setembro de 1908, na cidade do Recife, que é sob certos aspectos a Hong-Kong da América, com a sua miséria acumulada, empastada neste grupo de ilhas que flutuam sonolentas, entre os braços dos dois rios: o Capibaribe e o Beberibe.

Foi o rio o meu primeiro professor de história do Nordeste, da história desta terra quase sem história. A verdade é que a história dos homens do Nordeste me entrou mais pelo olhar do

* Este trabalho foi apresentado na VIII Jornada Universitária da UEFS, denominada Jornada Josué de Castro, Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, em 14 de dezembro de 1993, sob o título - Josué de Castro por Josué da Castro.

que pelos ouvidos. Entrou-me por dentro dos meus olhos ávidos de criança sob a forma destas imagens que estavam longe de serem claras e risonhas.

Foi com estas sombrias imagens dos mangues e da lama que comecei a criar o mundo da minha infância. Nada eu via que não provocasse a sensação de uma verdadeira descoberta. Foi assim que eu vi, senti formigar dentro de mim a terrível descoberta da fome ... quando cresci e saí pelo mundo afora, vendo outras paisagens, me apercebi, com nova surpresa, que o que eu pensava ser um fenômeno local, um drama do meu bairro, era uma trama universal. (CASTRO, 1967, p.15-19).

Os trechos acima são falas de Josué de Castro, homenageado com justiça pela Jornada Universitária promovida pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Trata-se do “Sociólogo da Fome”, assim chamado pelos seus contemporâneos, dada a sua luta em eleger a fome como tema a ser pesquisado de forma intensiva pelas Ciências Sociais. Neste sentido, a sua obra se constitui um exemplo. São mais de duas dezenas dedicadas à questão. Destacam-se entre elas – *Documentário do Nordeste*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937; *Ensaio de Biologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1960; *Ensaio de Geografia Humana*. São Paulo: Brasiliense, 1957; *Geografia da Fome (o dilema brasileiro: pão e aço)*. Rio de Janeiro: Antares/Achiamé, 1980; *Geopolítica da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1951; *O livro negro da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1960; *Sete palmas de terra e um caixão*. São Paulo: Brasiliense, 1964; *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967.

Em 1967, escreve, no exílio, *Homens e Caranguejos*.

O tema deste livro é a história da descoberta que da fome fiz nos meus anos de infância nos alagados da cidade do Recife, onde convivi com os afogados deste mar de miséria. Procuo mostrar neste livro de ficção que não foi na Sorbonne nem em qualquer outra Universidade sábia que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. Seres anfíbios – habitantes da terra e da água, meio homens e meio bicho. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama. Seres humanos que se faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. Que aprendiam a engatinhar e a andar com os caranguejos da lama e que depois de terem bebido na infância este leite de lama, de se terem enlambuzado com o caldo grosso da lama dos mangues e de se terem impregnado do seu cheiro de terra podre e de miséria, nunca mais se podiam libertar desta crosta de lama que os tornava tão parecidos com os caranguejos, seus irmãos, com as suas duras carapaças enlambuzadas de lama. (CASTRO, 1967, p.12).

II – A CIÊNCIA DA FOME

Ao descobrir a tragédia da fome, primeiro em suas cercanias, bairros mise-

ráveis do Recife e depois como um problema que aflige 2/3 da população mundial, Josué de Castro sai da constatação pura e simples do fenômeno para uma investigação científica rigorosa. Se os dados empíricos que utiliza hoje estão defasados, o mesmo não se pode dizer da sua metodologia. É talvez o primeiro sociólogo a realizar pesquisa participante o que se induz quando fala de sua sociologia

comprometida com o processo social a qual não deixa de ser científica por esse seu engajamento. Ao contrário, ela é bem mais científica do que a antiga sociologia, que se presumia científica, mas não passava, em seu falso cientificismo, de um instrumento de inconsciente mistificação da realidade social, cujo contacto direto ela sempre evitava, preocupada pela fragilidade dos sistemas em vigor e pelo receio de que ao menor contacto tudo pudesse vir abaixo. (CASTRO, 1964, p.15).

Em suas obras, luta para destruir os preconceitos em torno do fenômeno da fome, denunciado por ele em *Geopolítica da Fome*, como a "conspiração do silêncio".

Silêncio imposto estrategicamente pelos agentes econômicos que esconderam aos olhos do mundo feias tragédias como a da China, onde durante o século XIX, cerca de 100 milhões de indivíduos morreram de fome, por falta de um punhado de arroz, ou como a da Índia, na qual 20 milhões de vidas humanas foram destruídas por esse flagelo, nos últimos 30 anos do século passado. (RECLUS, in: CASTRO, 1955, p.34). Silêncio explorado pela literatura ocidental que ocultou aos olhos do mundo a verdadeira situação de enormes massas humanas debatendo-se dentro do círculo de ferro da fome. (CASTRO, 1951, p.35).

Por outro lado, a própria ciência e a própria técnica ocidentais, certamente envolvidas com suas brilhantes conquistas no domínio das forças da natureza, não se sentia à vontade para confessar abertamente o seu quase absoluto fracasso em melhorar as condições dessas massas esfomeadas e, com seu reticente silêncio sobre o assunto, faziam-se, consciente ou inconscientemente, cúmplices dessa mesma conspiração mental.

A sua metodologia sociológica não é aquela defendida nos centros acadêmicos, do distanciamento entre o investigador e o seu objeto de estudo, que acaba por produzir simples inventários destituídos de vida. Josué de Castro diz: – "O nosso estudo sociológico é o oposto deste gênero de ensaio é o estudo de sociologia comprometido e participante... Ademais, a verdadeira sociologia científica, como qualquer outro ramo da ciência contemporânea, é bem menos arrogante acerca de suas verdades do que a sociologia clássica, desde que hoje se sabe muito bem como todas as verdades são relativas. E que o que chamamos de realidades científicas, não só no mundo da sociologia, mas mesmo no terreno mais sólido da natureza física, são sempre produtos da interação entre os próprios fatos e o ato de observar do pesquisador, e que na verdade não existem realidades fora do campo de nossa observação. Há apenas possibilidades. (CASTRO, 1964, p.15).

Em 1946, publica o livro *Geografia da Fome*. Trata-se de um estudo científico

sobre o problema da fome no Brasil. O livro remonta às causas originais da subalimentação endêmica brasileira aos primórdios de sua colonização. A fome no Brasil, que perdura, apesar dos enormes progressos alcançados em vários setores de nossas atividades, é antes de tudo consequência do seu passado histórico, com os seus grupos humanos, sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. (CASTRO, 1946, p.280).

Em *Geopolítica da Fome*, cuja edição primeira aparece quatro anos depois de *Geografia da Fome*, Josué de Castro analisa o problema no contexto das nações do mundo. Ainda no prefácio da 1ª edição do livro, do ano de 1951, explica por que o intitulou de *Geografia da Fome* – a expressão Geografia da Fome, empregada pela primeira vez, deve ter soado aos ouvidos de muita gente como uma chocante combinação de palavras... É que a geografia, em seu sentido usual, sempre tratou muito mais dos aspectos positivos e favoráveis do mundo do que de seus aspectos negativos – mais das riquezas da terra e das vitórias do homem do que de suas misérias e de seus fracassos.

Quanto à escolha do título *Geopolítica da Fome*, Josué de Castro, diz:

Usamo-lo porque não encontramos outro que correspondesse ao conteúdo do livro, sem trair a intenção do autor e o desejo dos editores, de que esse livro fosse realmente uma *Geopolítica da Fome*... Contudo, embora degradada pela dialética nazista, a palavra *Geopolítica* continua mantendo a sua hierarquia científica e precisa ser reabilitada em seu sentido real.

Os leitores deste livro terão oportunidade de verificar que o que chamamos *Geopolítica* não é uma arte de ação política entre os estados, nem tampouco uma fórmula mágica de prever a História como queria Spengler. É apenas um método de interpretação dos fenômenos políticos em sua realidade espacial, com suas raízes mergulhadas no solo ambiente. Termina por dizer – poucos fenômenos têm interferido tão intensamente na conduta política dos povos, como o fenômeno alimentar, como a trágica necessidade de comer, daí a viva e crua realidade de uma *Geopolítica da Fome*. (CASTRO, 1954, p.16 e 17).

Em *Geopolítica da Fome*, demonstra que a fome é um problema gerado socialmente pelo que rejeita as teses neo-malthusianas, dos fatores climáticos e sociais para a explicação de fenômenos. O aprofundamento dessas temáticas se dão em *Geopolítica da Fome*, pelo que o autor diz:

a tentativa de provar que a fome é um fenômeno natural, que obedece a uma espécie de lei da natureza, não encontra apoio nos conhecimentos científicos dos nossos dias. Basta a análise de alguns dados estatísticos fundamentais para que fique cabalmente demonstrado todo o seu artificialismo: da superfície total da Terra, ocupam os mares 71%, representando os 29% restantes a parte sólida do nosso planeta. Abrange, esta parte, uma área de cerca de 56 milhões de milhas quadradas de superfície, com os mais diferentes tipos de revestimento natural: trinta por cento são recobertas de floresta; vinte por cento, de vegetação de campos abertos; dezoito por cento apresentam um relevo montanhoso; e trinta e três por cento, um solo desértico, do tipo quente ou do tipo polar. (CASTRO, 1951, p.41).

O problema da fome mundial não é, por conseguinte, um problema de limitação da produção por coerção das forças naturais; é antes um problema de distribuição. (CASTRO, 1951, p.43).

Sobre o neo-malthusianismo refere-se:

Outro grupo de especuladores em torno do fenômeno da fome acusa a natureza de provocar essa calamidade mercê de um mecanismo indireto: dando ao homem a capacidade de se reproduzir de maneira intempestiva e provocando, em consequência, a superpopulação da Terra. Pertencem a Robert Malthus, que as apresentou em fins do século XVIII, na fase em que as primeiras experiências industriais davam a impressão de que a máquina poderia substituir o homem e, portanto, conviria ir logo diminuindo a fabricação deste, isto é, da máquina humana, para evitar sua concorrência com as novas máquinas. (CASTRO, 1951, p.43).

Procurando defender a tese de que o aumento das populações do mundo constitui grave perigo para seu equilíbrio econômico, Malthus engendrou a hipótese de que as populações crescem em progressão geométrica e a produção de alimentos em progressão aritmética, resultando daí o impasse de uma produção irremediavelmente insuficiente para as necessidades das populações. Faltou à teoria de Malthus a necessária base científica. Seu primeiro erro foi o de considerar o crescimento da população como uma variável independente, como um fenômeno isolado no quadro das realidades sociais, quando, na verdade, esse crescimento está na mais restrita dependência dos fatores políticos e econômicos. (CASTRO, 1951, p.44).

O penúltimo capítulo de *Geopolítica da Fome* é destinado às propostas da luta contra a fome – a primeira delas seria a cooperação com a natureza:

Na luta contra a fome, o primeiro objetivo a conquistar é, sem dúvida alguma, um aumento ponderável da produção mundial de alimentos. Para tal, faz-se necessário ampliar as áreas cultivadas, através do seu uso adequado. A ampliação da área de cultivo mundial é uma legítima aspiração que pode ser obtida principalmente pela incorporação, à agricultura, de extensas zonas tropicais de solos vermelhos e de zonas subpolares de podsoles. Segundo Robert Salter, esses tipos de solo recobrem cerca de 28% da superfície da Terra e, no entanto, seu emprego na agricultura não ultrapassa atualmente 1% do seu total. (CASTRO, 1951, p.319).

Nos idos de outubro de 1962 e fevereiro de 1964, escreve *Sete Palmas de Terra e um Caixão*. Na sua tessitura conta com a colaboração de Alberto Passos Guimarães, principalmente nos capítulos que dedica ao estudo da agricultura brasileira.

O livro começa falando das duas descobertas do Brasil – a feita pelos portugueses e a outra realizada pelos norte-americanos. O livro é polêmico e já no prefácio, o autor explica a sua intenção em escrevê-lo:

Uma das primeiras coisas que me parece necessário explicar é que este livro foi especialmente escrito a pedido de uma editora dos Estados Unidos da América para o público norte-

-americano. E que desta forma não se deve admirar o leitor brasileiro de nele encontrar muitas coisas que lhe parecerão por demais sabidas, desde que ele as conhece como se fossem traços da palma de sua mão, mas que, no entanto, são coisas totalmente ignoradas pelo leitor médio dos Estados Unidos, como se fosse traços da outra face da Lua. (CASTRO, 1965, p.14).

Passados vinte e seis anos da escrita do livro, *Homens e Caranguejos*, o quadro não mudou, a fome continua a grassar de forma escancarada na vida de trinta e dois milhões de brasileiros, uma população equivalente à da Argentina.

Mais da metade dos indigentes do país habita no Nordeste. A Bahia é o estado nordestino com maior número de indigentes.

Em Feira de Santana, há mais de trinta mil famílias de indigentes, o que significa mais de cem mil pessoas privadas da cidadania.

O grande paradoxo, quando se compara o número de indigentes brasileiros com a produção de alimentos, é que, segundo dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o Brasil produziu nos últimos anos uma média de cinquenta e nove milhões de toneladas de grãos (arroz, feijão, trigo, milho e soja). Esses e outros alimentos superam as necessidades diárias de calorias e proteínas de uma população igual à brasileira.

Supõe-se que vinte por cento de nossa produção de alimentos é desperdiçada em decorrência do armazenamento, transporte e manuseio. Trata-se de uma perda suficiente para alimentar a população de indígenas do país.

Não cabe, tão somente, constatar e deplorar a situação dos miseráveis no Brasil. Urge formular propostas concretas que incidam sobre a conjuntura e estrutura socioeconômica do país, visando à superação do problema da fome e da miséria.

Trata-se de enfrentar a questão e decidir – onde investir? – em “pão ou em aço”?

Para resolver este dilema faz-se necessário a estruturação de uma nova teoria científica do desenvolvimento econômico nos países subdesenvolvidos para ser posta à prova no campo da realidade social. Deverá esta nova teoria integrar à Economia, os fatores humanos, de forma a fazer do desenvolvimento econômico o meio de proporcionar a todos, não só os *bens de necessidade* que lhe fazem falta, mas também os *bens de dignidade* que suas consciências reclamam.

A luta contra a fome não fora até o momento empreendida nos termos exatos e dentro das dimensões exigidas para conduzi-la à vitória. Tudo que se tem feito se reduz a medidas parciais, descontínuas, mais de emergência e de caráter assistencial do que de continuidade e profundidade. (CASTRO, 1960, p.69 e 70).

A luta encetada por Josué de Castro contra o flagelo da fome deve motivar as ações dos comitês da ação da cidadania, contra a fome, a miséria e pela vida constituídos no âmbito das universidades brasileiras. Aliás, as propostas do “Sociólogo da fome” de enfrentamento da questão por vezes são lembradas de forma envergonhada e, maculadas pelos discursos de políticos e economistas neo-liberais.

São atores de nossa inteligência que já não silenciam ou negam os problemas sociais, mas que agem de modo a assegurar os privilégios de uma minoria em detrimento da maioria da população. Assim também caminham as universidades brasileiras, ao produzir conhecimento e ideologias utilizadas pelo sistema para reafirmar o *apartheid* que infesta a estrutura de classes brasileira.

Urge, pois, que se assuma uma nova postura filosófica, no campo da pedagogia da investigação científica e da socialização da produção de conhecimento (extensão), fundamentada no resgate da cidadania da sociedade como um todo. Trata-se de transformar as universidades elitizantes, em centros de "produção e reprodução de conhecimento" comprometido com os grandes problemas sociais que afligem a sociedade brasileira e geração de políticos alternativos que modifiquem o quadro e assegurem uma melhor qualidade de vida à nossa população. Que nasça a "universidade cidadã".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Josué. *Documentário do Nordeste*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937.
- _____. *Ensaio de Biologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- _____. *Ensaio de Geografia Humana*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- _____. *Geografia da Fome* (o dilema brasileiro: pão e aço). Rio de Janeiro: Antares/Achiamé, 1980.
- _____. *Geografia da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- _____. *O livro negro da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- _____. *Sete palmas de terra e um caixão*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- _____. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967.